



O AGRÔNOMO ALCIDES CARVALHO E O SEU CAFEZAL

Por Eng. Agr. José Peres Romero

Conheci Dr. Alcides há 40 anos quando me iniciei em café. Dele ganhei sementes melhoradas que distribuía para todos os interessados com uma única condição: dar notícias do cafezal formado. Tinha bem em mente que fenótipo = genótipo x meio x homem e que portanto, certas linhagens podiam ir melhor em certo lugar e pior em outros, apesar da rusticidade e alta produção de todas. Criei assim a idéia de que todo bom cafeicultor deveria ter uma pequena coleção das principais linhagens para seleção das melhores exatamente em seu meio. Esta foi apenas uma das mais notáveis lições do mestre Alcides levadas a sério em Ouro Fino e Alfenas.

Sempre o visitara com respeito e admiração, mas desconhecia sua obra, mais por ignorância genética minha, do que pela santa paciência que ele tinha para explicar tudo que sabia. Em 1968 o destino me levou a Israel, onde numa visita ao famoso Instituto Volcani em Haifa, conheci um dos seus cientistas, que me deixou surpreso e confuso ao me perguntar se conhecia, no Brasil, o homem que tinha feito um dos melhores trabalhos em melhoramento de plantas em todo o mundo. Sem saber o que responder, ele logo se adiantou dizendo-me se não conhecia o Agrônomo Alcides Carvalho do IAC em Campinas? Mais uma vez santo de casa não faz milagre e a maioria dos cafeicultores desconhecia esse benfeitor, reconhecido lá fora.

Em 1970 o café recebia uma nova calamidade que era a ferrugem. Digo nova, porque a história registra que várias outras tiraram o sono de muitos coronéis do café. Como sempre o pessimismo herdado das três raças tristes alardeava o fim do café no Brasil. Em 1870 fora o bicho mineiro. Em 1887, o nematóide. No começo do século geadas severas e sucessivas. Na década de 20 a terrível broca, cujo susto nos deu o Instituto Biológico de São Paulo.

Mais uma vez, a sabedoria serena de Alcides Carvalho nos dava esperança de vencer a terrível ferrugem. Bem antes já havia iniciado um trabalho de resistência à moléstia culminando com o último “filho”: as linhagens de Icatu, glória final de 60 anos de dedicação ao café.

Porém a benedita ferrugem foi um bem extraordinário a todos nós. Chamou a atenção de todos e do governo sempre omissos, que Alcides Carvalho não era um simples funcionário público cumpridor do seu dever. Seu trabalho e dedicação amorosa ao café, foi reconhecido e recebeu então várias homenagens e prêmios. Em 1973, após retornar da África com notícias fantásticas de um tal café adensado (1,0 x 1,0m), ele me contava que a primeira produção deste talhão experimental em Ruiru - Kenya, havia produzido 106 sacos de café limpo por hectare. Este fato incrível para a



O AGRÔNOMO ALCIDES CARVALHO E O SEU CAFEZAL

Por Eng. Agr. José Peres Romero

época, fez uma revolução na cabeça de muitos agrônomos e cafeicultores pelo grande desafio que representava. O café adensado como se fosse uma floresta (expressão do não menos insigne agrônomo Fernando Cardoso), viria a substituir a famosa e velha cova individual do café. Graças a todas essas idéias, tenho a certeza de que no século XXI, a cafeicultura realmente vai otimizar ao máximo o trabalho imensurável da genética do mestre Alcides. Lá do céu, imagino ele olhando com todo carinho o seu cafezal e os seus seguidores.

Homenagem especial ao Dr. Theodureto de Camargo e ao Dr. Carlos Arnaldo Krug, pioneiros destas pesquisas em café.